

joão tordo

as três vidas

Língua
seraj

Para a minha família

É curioso que as pessoas usem a expressão “vida e morte”. A morte não é o contrário da vida, mas sim do nascimento. A vida não tem contrário.

Sete palmos de terra

Life is wasted on the living.

DOUGLAS ADAMS

primeira parte

um início

Ainda hoje, sempre que o mundo se apresenta como um espetáculo enfadonho e miserável, sou incapaz de resistir à tentação de lembrar o tempo em que, por força da necessidade, fui obrigado a aprender a difícil arte do funambulismo. Esses anos, que considero terem sido excepcionais — e, ocasionalmente, marcados por acontecimentos funestos —, deixaram-me num estado de melancolia crônica no qual, embora dele tenha procurado escapar, acabo inevitavelmente por voltar a cair. Esta melancolia, por vezes, resvala para o desespero, mas não vamos por aí; não é altura para, ao contrastar a minha existência atual com aquilo que em tempos foi, me deixar consumir pelo passado. Bastará dizer que não recordo um tempo em que a vida tenha sido particularmente feliz, mas que sou incapaz de esquecer cada hora que passei na companhia de Antônio Augusto Millhouse Pascal.

Há dois anos, uma notícia num jornal dava conta de um leilão onde, entre outros objetos, iriam ser licitados

os documentos encontrados na casa do falecido jardineiro deste homem para quem trabalhei há mais de duas décadas. Quando soube, fiquei imediatamente apreensivo e, ao imaginar as consequências, quase furioso — é inevitável que a pessoa que arrecadou o lote acabe por remexer nos arquivos que eu compilei e mantive durante aquele ano na Quinta do Tempo e, se os observar com alguma atenção, acabe por chegar a conclusões que nada têm a ver com aquilo que verdadeiramente aconteceu. Surpreende-me, aliás, que isso ainda não tenha sucedido; que a reputação do meu antigo patrão ainda não tenha sido manchada, o seu nome usado erradamente, em detrimento da verdade.

A ignorância a respeito deste homem impera. Não se pode dizer que essa ocorrência seja estranha, uma vez que, a partir de uma certa altura da sua vida, se relacionou apenas com figuras influentes de uma esfera privada. Os que o conheceram superficialmente e se recordam do seu nome terão dele uma imagem deturpada — por ter escondido a verdadeira natureza da sua obra, poderá um dia ser vítima do escárnio daqueles que preferem amaldiçoar a manifestar incompreensão. Millhouse Pascal, filho de mãe inglesa e pai francês, nascido em Portugal mas errante durante grande parte da sua vida — na Espanha durante a Guerra Civil, na Inglaterra nos tempos de Churchill, vivendo nos Estados Unidos após a queda do nazismo —, parece ter es-

tado em toda parte e em lado nenhum, uma sombra à margem dos acontecimentos e, contudo, posso assegurar-lhes, uma parte determinante destes. Se, nos próximos tempos, surgirem versões rocambolescas acerca das suas atividades, é porque estas ficaram no segredo dos que com ele privaram e que com ele conheceram a dedicação de um asceta; os restantes irão apelidá-lo de *místico*, *excêntrico* e, quem sabe, *burlão*.

Também eu nada sabia sobre ele. A minha juventude, porém, permitiu-me experimentar coisas em que hoje me recusaria a acreditar, se me fossem apenas contadas. Custou-me o resto da minha patética existência, é certo, mas tive a oportunidade de viver em sua casa e de observar com os meus próprios olhos os seus métodos e a maneira prodigiosa como conseguiu transfigurar a realidade e influenciar — quase poderia dizer *manipular* — os que, ao longo daquele tempo, recorreram aos seus serviços.

Pouco tempo depois do leilão, uma jornalista do *Diário de Notícias* que fazia uma reportagem sobre os casos em aberto da Polícia Judiciária interessou-se pela história oculta deste homem e, através de fontes que não quis desvelar, veio ter comigo, abordando-me à maneira petulante e lisonjeira dos repórteres, defeito da profissão pelo qual não a posso julgar. Agora que o homem está morto, disse-lhe, não vejo qualquer problema em contar-lhe tudo, e

assim o fiz. Falamos durante três horas, e dei por mim a desbobinar a história dos últimos anos da sua vida que estava, compreendi então, indissociavelmente ligada à minha, à sua família, a Camila, a Gustavo, a Nina, a Artur e à viagem que, em 1982, acabou por selar aquilo de que eu vinha suspeitando há tanto tempo, isto é, a nossa inaptidão para continuar a viver a vida de todos os dias depois de certas coisas acontecerem. Não me parece que a jornalista — que era uma rapariga nova, com a curiosidade dos aprendizes — tenha acreditado na maior parte das coisas que lhe contei. Perguntou-me constantemente se podia apresentar provas, mas, como irão descobrir, não foi possível conservar quaisquer documentos desses dias — para além daqueles que se encontram em lugar e mãos desconhecidos — e respondi-lhe que, a ser publicada a história, teria de o fazer de boa-fé. Passaram-se dois anos, comprei o jornal todos os dias, e nem uma linha apareceu sobre o assunto.

Fui compreendendo, no tempo que passou desde a entrevista, que deixar um relato da minha experiência era uma necessidade. O que foi verdade e o que é, inevitavelmente, ficcionado, devido aos limites da memória, não importa; em última análise, a própria realidade é objeto de ficção. O mais importante é libertar-me dos fantasmas, pois acarreto com as sombras de todas as coisas a que não tive coragem para colocar um fim. Isso reflete-se, sobre-

tudo, nos meus sonhos: ao contrário da crença habitual, não me parece que os sonhos sejam o espelho dos nossos desejos; cá para mim, acho que os sonhos são o espelho dos nossos horrores, dos nossos piores medos, da vida que poderíamos ter tido se, numa altura ou noutra, não fôssemos incomensuravelmente covardes.

artur e o contrato

Até então nada vivera; tivera a vida dos pobres, marcada pela necessidade. O meu pai tinha uma pequena empresa de construção civil e, no final dos anos setenta, em Lisboa, as coisas não lhe corriam de feição. Era, ainda assim, o único da nossa família que trabalhava — eu tinha vinte anos quando morreu e, com o liceu terminado, estudava inglês e matemática nas horas vagas, ajudando-o sempre que possível, mas planeando tirar o curso de engenharia. A minha irmã, dois anos mais nova, dividia o tempo entre os estudos e fazer companhia à minha mãe, que era uma criatura silenciosa e apática, mastigada por uma vida sem grande significado. Vivíamos, porém, numa casa grande e espaçosa e não se podia dizer que nos faltasse alguma coisa essencial.

Em 1980, o meu pai adoeceu subitamente. Foi um acontecimento fulminante: num dia, levantou-se de madrugada, bem-disposto, para tomar o pequeno almoço e partir para o trabalho; no dia seguinte, uma ambulância

veio buscar o seu corpo debilitado, transportando-o para o hospital onde passou as últimas semanas de vida. A princípio os médicos pensaram que era uma apendicite, mas cedo descobriram que o problema era mais grave. Primeiro, segundo me explicaram, foi o fígado que desistiu de funcionar. Depois, a doença espalhou-se pelas outras partes do corpo, como um grupo de pequenos trabalhadores dispostos a destruir tudo à sua passagem — os rins, o baço, o pâncreas —, e, no final, nas últimas horas, creio que foi o meu pai quem acabou por desistir. As pessoas morrem porque desistem, pensei então, e essa desistência requer uma explicação, um relatório clínico que poupe as pobres almas, que as outras veem partir, ao martírio da ignorância, de não saberem por que cá andaram ou que destino as espera.

Não tivemos muito tempo para chorar a sua morte. Depois de tratarmos do funeral e da cremação do corpo, de repente apercebemo-nos da situação em que nos encontrávamos: o dinheiro no banco duraria, no máximo, seis meses, e, sem rendimentos, éramos obrigados a procurar outro lugar para viver. Eu era o único em condições de conseguir um emprego e vi todas as responsabilidades caírem sobre os meus ombros. A minha irmã ofereceu-se para desistir do liceu e ajudar a família, mas proibi-a de o fazer. Gente sem educação era gente à deriva, e a memória do meu pai exigia de mim que aguentasse o barco à superfície.

Mudamo-nos, assim, para um pequeno apartamento em Campolide, onde cedo nos entregamos a uma vida de anonimato. A minha mãe perdeu todas as referências que tivera ao longo da vida e, aos cinquenta anos, sem vontade de estabelecer laços afetivos com a vizinhança, apenas com a minha irmã por companhia, tornou-se ainda mais soturna. A mudança foi literal e metafórica: enquanto o meu pai fora vivo, existira sempre uma esperança muda, uma mão invisível que nos transportava silenciosamente ao longo dos dias. Depois de ele partir, eu tentei preencher o seu papel e fracassei. Na primavera de 1981 — depois de ter tentado, sem sucesso, continuar o negócio do meu pai, de me ter empregado como fiscal de obras numa empresa que sofreu uma auditoria das Finanças e foi encerrada e de trabalhar como explicador de inglês, ganhando apenas o mínimo indispensável para pagar a renda e pôr comida na mesa — vi-me num beco sem saída. Com o final do ano letivo, deixei de ter alunos, e o verão que se seguiu foi sinistro. À torreira do sol, calcorreei a cidade à procura de biscates, sem conseguir encontrar nada. A minha mãe pediu algum dinheiro emprestado ao meu tio, que vivia na Espanha, e que nos enviou um cheque em pesetas, e eu sentei-me no sofá da nossa sala até ao princípio do outono, com uma paralisia pavorosa que me impedia de contemplar o futuro.

No final de setembro, porém, a minha irmã mostrou-me a página de anúncios de um jornal. Descobri, mais tarde, que durante meses ela olhara todos os dias para essas páginas, procurando arranjar uma solução para os nossos problemas. O anúncio, registrado na coluna da esquerda em letra miudinha, dizia:

*Agência MP. Inglês absolutamente necessário.
Apartado 808 Lisboa.*

Era suficientemente intrigante para despertar a minha atenção. Não tinha grandes opções. Por aquela altura, a minha mãe passava o dia inteiro no quarto, a dormir ou deitada sobre a cama, esperando por nada, e, quando saía, era para beber uma chávena de chá e trocar umas quantas palavras com a minha irmã sobre assuntos corriqueiros. Sentia-me apanhado no meio de uma lenta procissão a caminho de um calvário prematuro e, ainda que isso servisse apenas para matar o aborrecimento, escrevi uma carta em resposta ao anúncio. Três dias depois, tinha uma entrevista marcada.

Encontrei-me com um homem chamado Artur num escritório da baixa de Lisboa. Era o princípio de outubro e o outono chegara mais cedo, uma chuva intermitente caindo sobre uma cidade cinzenta, os transeuntes andando de um lado para outro abrigados por chapéus de chu-

va pretos, os rostos escondidos ou olhando para o chão, a água suja da chuva correndo lentamente para as bermas dos passeios. Subi ao segundo andar de um prédio silencioso e entrei numa sala pequena e atafalhada de arquivos, com uma janela voltada para o saguão e uma secretária onde repousava uma máquina de calcular e uma pilha de papéis. Um homem alto estava de costas para mim.

“Sente-se”, disse, voltando-se.

Artur era de idade indefinida. Muito alto e esguio, de cabelo cinzento e olhos rasgados e vítreos, vestia-se como um homem de negócios mas falava à maneira dos camponeses, um sotaque forte e arrastado. Adivinhei-lhe quarenta anos, ou pouco mais. Olhou-me durante algum tempo, parecendo ocupado com os papéis que tinha nas mãos.

“Trouxe os papéis das suas habilitações?”

Entreguei-lhe dois documentos oficiais: o diploma do liceu e o do curso de inglês que terminara em 1979. Ele analisou-os e, sem nunca se sentar, fez-me várias perguntas sobre a minha situação. Expliquei-lhe onde morava, falei-lhe da minha mãe e da minha irmã e menti um pouco sobre os meus últimos empregos, numa tentativa de esconder o fato de me encontrar numa difícil posição financeira.

“Há muitas coisas que lhe devo explicar acerca deste trabalho, mas essas explicações ficarão guardadas para a altura conveniente. Terei, porém, de me assegurar de que

entende a natureza discreta das nossas ocupações. Não somos um serviço público nem disponível aos cidadãos; prestamos serviços de uma natureza privada e dispendiosa, e a totalidade dos nossos clientes viaja do estrangeiro. É, portanto, de vital importância que nada daquilo que fazemos seja divulgado, nem junto da sua família, nem junto dos seus amigos.”

“Não tem de se preocupar com isso”, disse. Artur estendeu-me uma folha de papel datilografada. Nela estavam estipulados o meu salário e as horas de trabalho.

“As garantias verbais de nada nos servem. No passado trabalhamos com pessoas que fizeram as mesmas promessas e depois se mostraram incompetentes para o cargo. Por isso, decidimos instituir um regime de residência na nossa *agência*” — ele venceu a palavra — “para evitar dissabores. Poderá vir à cidade, mas de tempos a tempos, e combinando previamente as suas visitas comigo. De resto, ser-lhe-ão oferecidos um quarto, comida e plenos direitos civis. Viverá num lugar agradável, a duas horas da cidade, sossegado e isolado. Os seus deveres não ultrapassarão o âmbito dos deveres de qualquer secretário. Irá ler e redigir correspondência, organizar arquivos e fazer tabelas de horários semanais. O inglês é fundamental para entrar em contato com os nossos clientes. Terá acesso a material de escritório e a uma extensa biblioteca”.

“A minha família vive aqui em Lisboa, e depende de mim”, afirmei, subitamente alerta do que aquele emprego implicava. “Não sei se será sensato ausentar-me durante períodos muito longos.”

“Temos gente em Lisboa que poderá tratar de assuntos prementes em seu lugar. Se existir alguma urgência, poderá obviamente vir à cidade”, apressou-se a dizer Artur.

O homem queria uma resposta imediata. Olhei para a folha que segurava entre os dedos. O salário era superior ao que poderia imaginar — cento e cinquenta mil escudos por mês. Meditei durante alguns segundos, sentindo o olhar vago de Artur sobre mim, incapaz de dizer se me perscrutava ou me fitava por mera curiosidade, quem sabe se por falta de outro objeto de contemplação.

Tomei a decisão num momento fugaz. Fechamos os olhos e já está, entregamo-nos nas mãos de outro. Tinha 21 anos quando assinei um contrato com aquele homem que, descobri pouco tempo depois, era o jardineiro de António Augusto Millhouse Pascal.